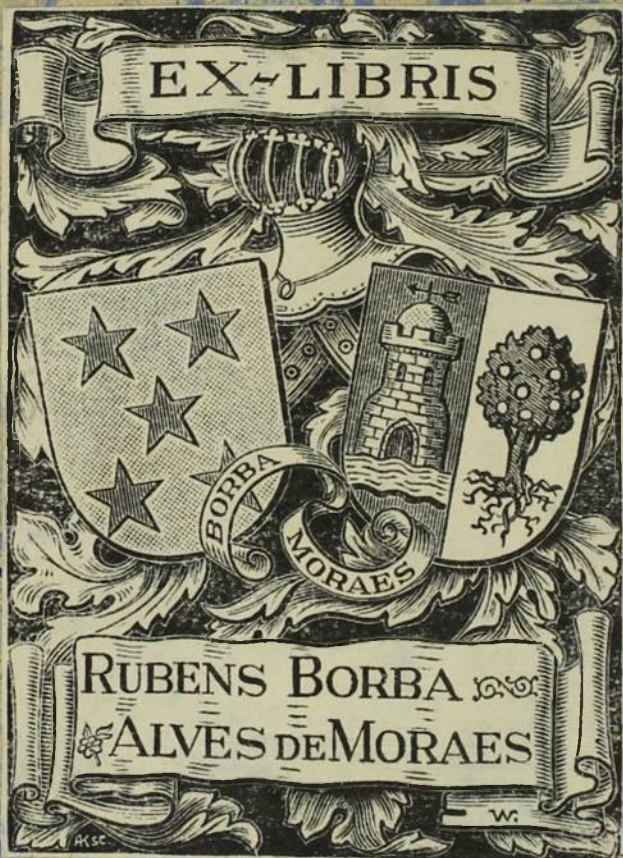
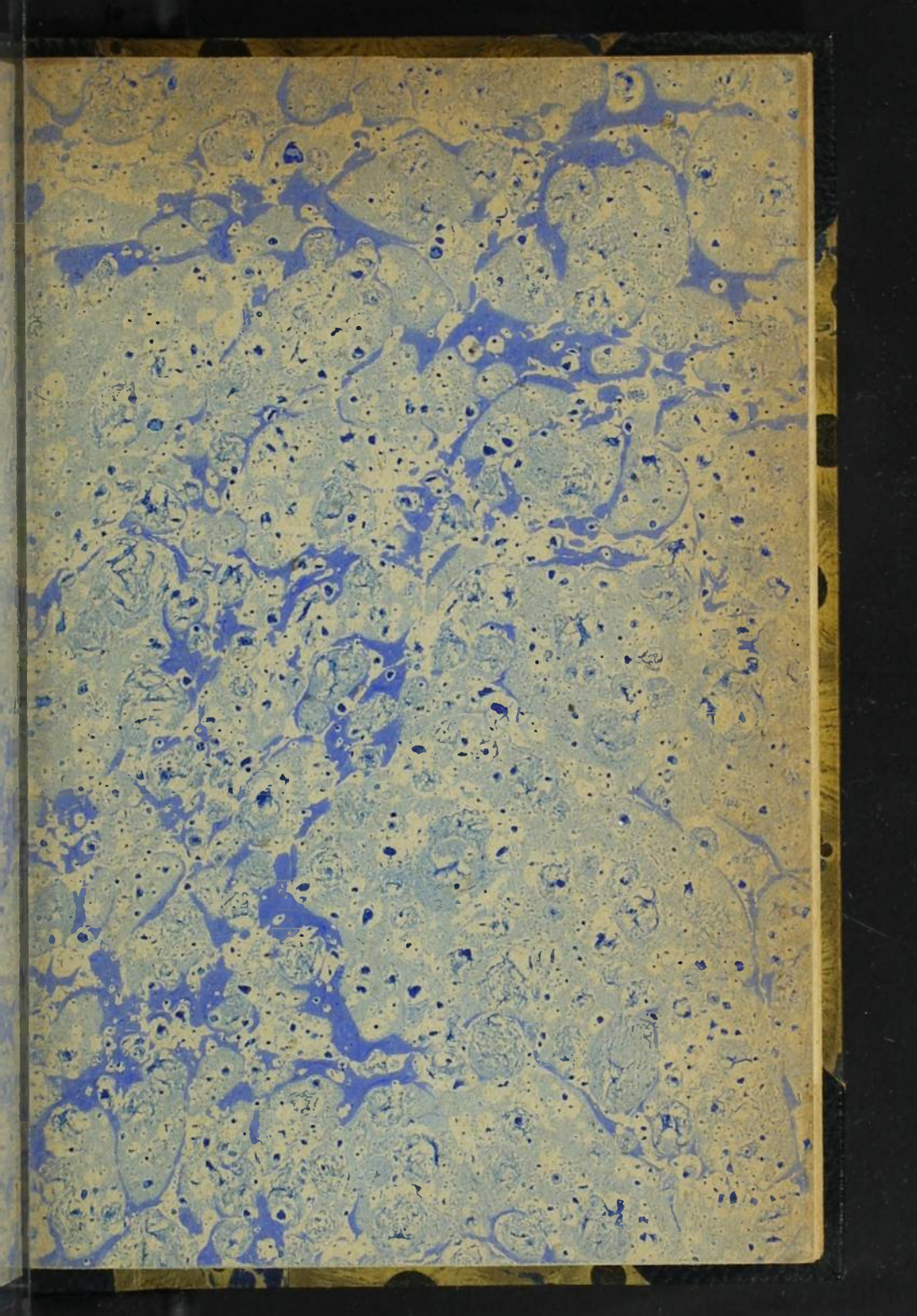
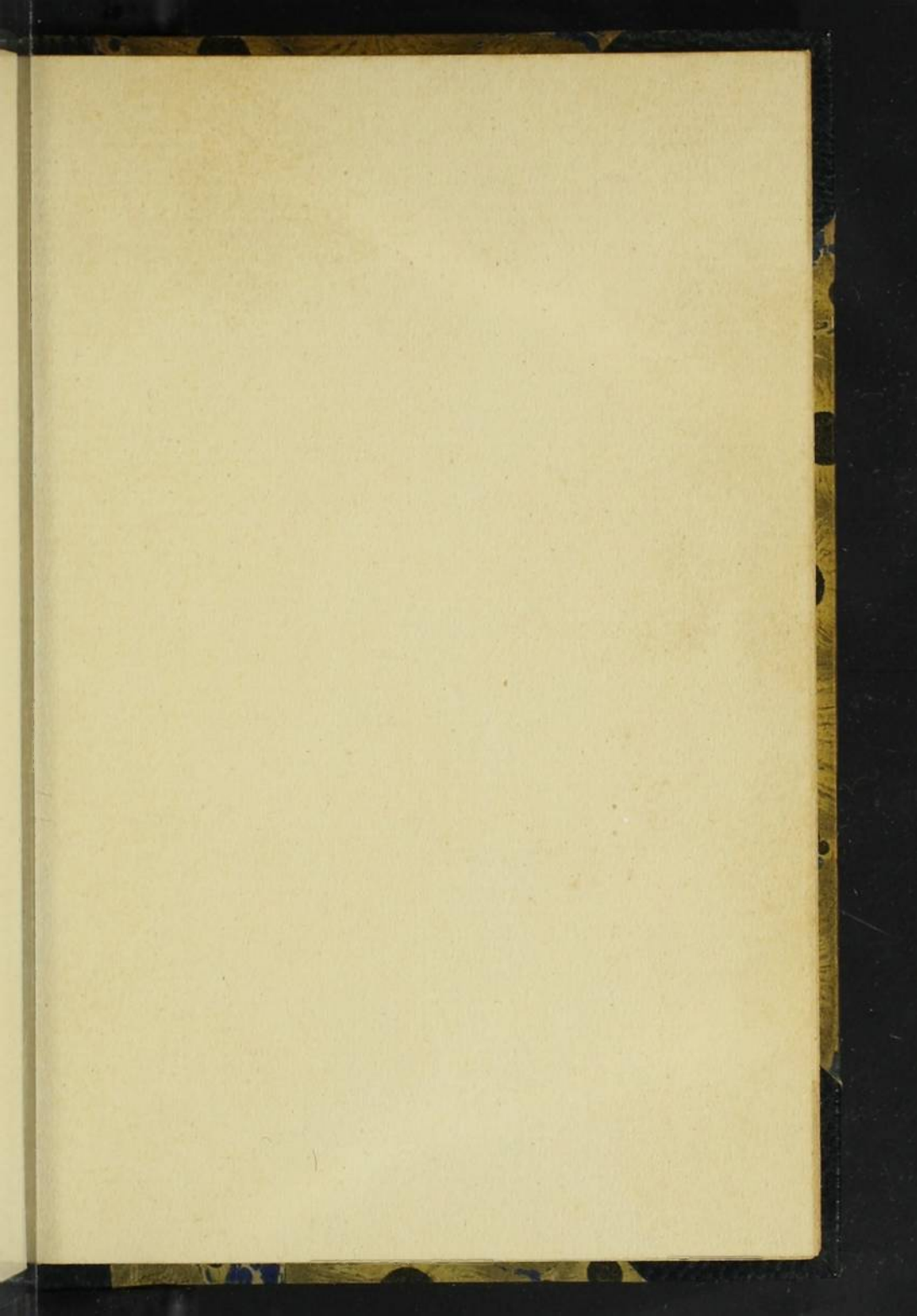


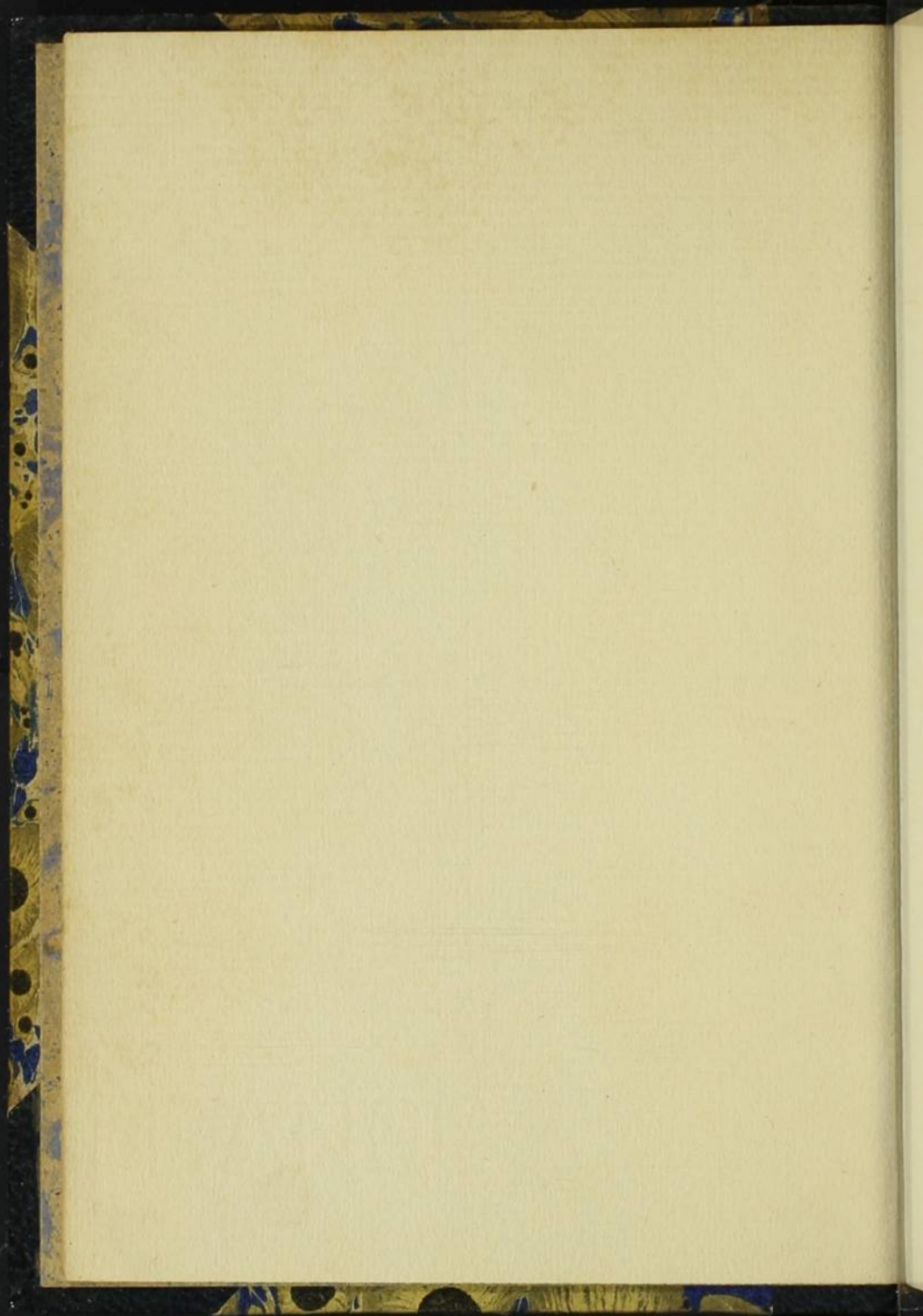


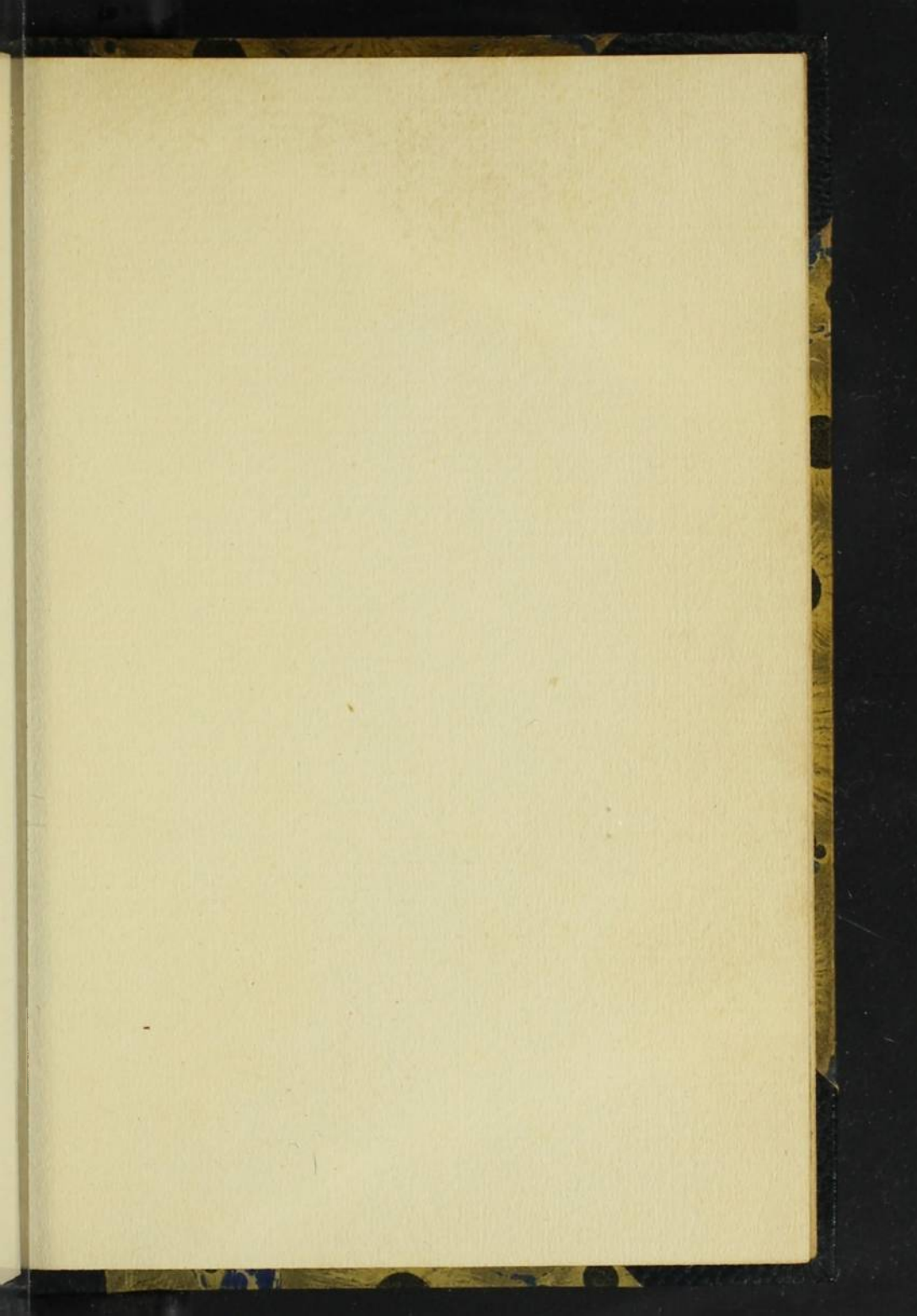


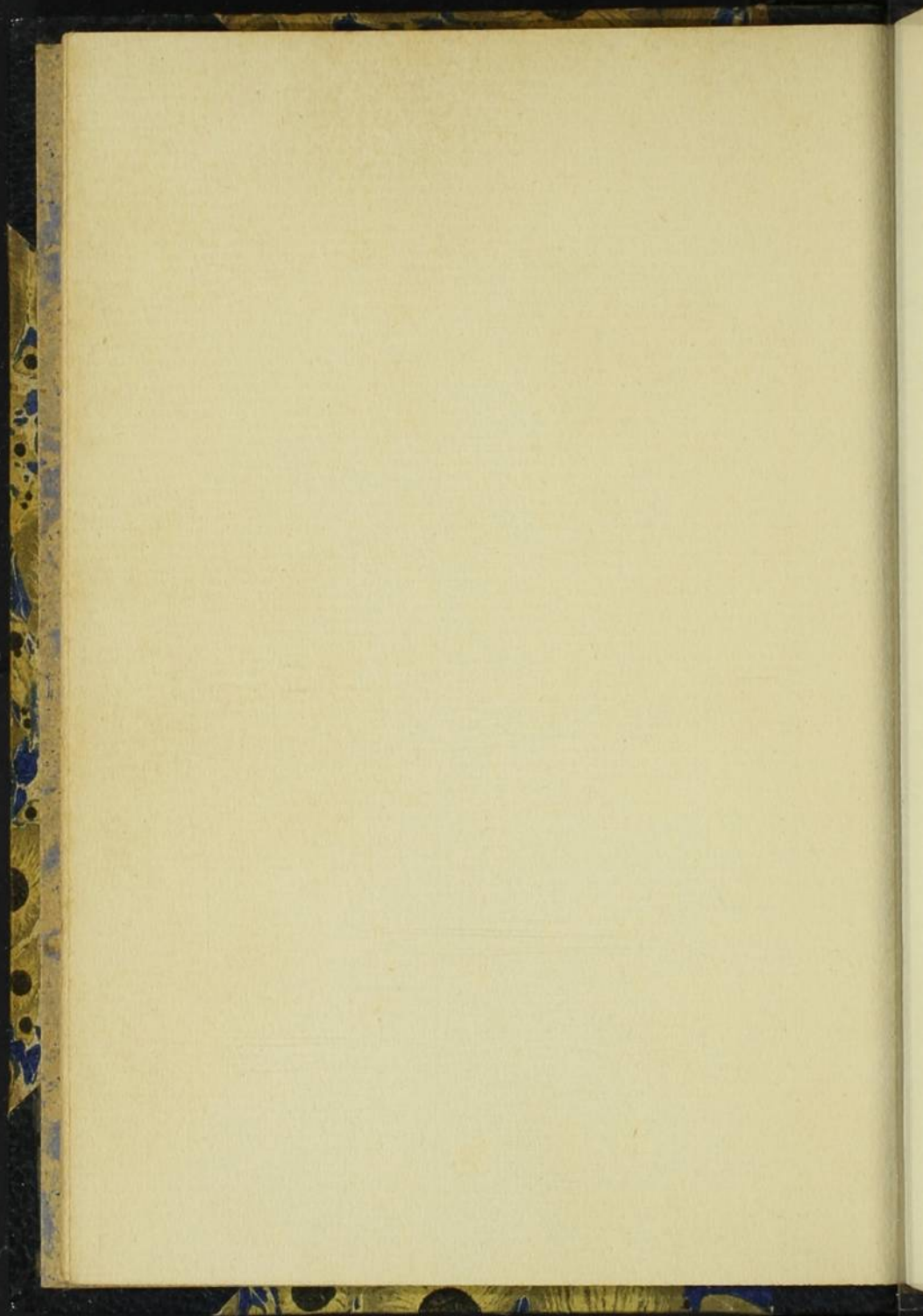


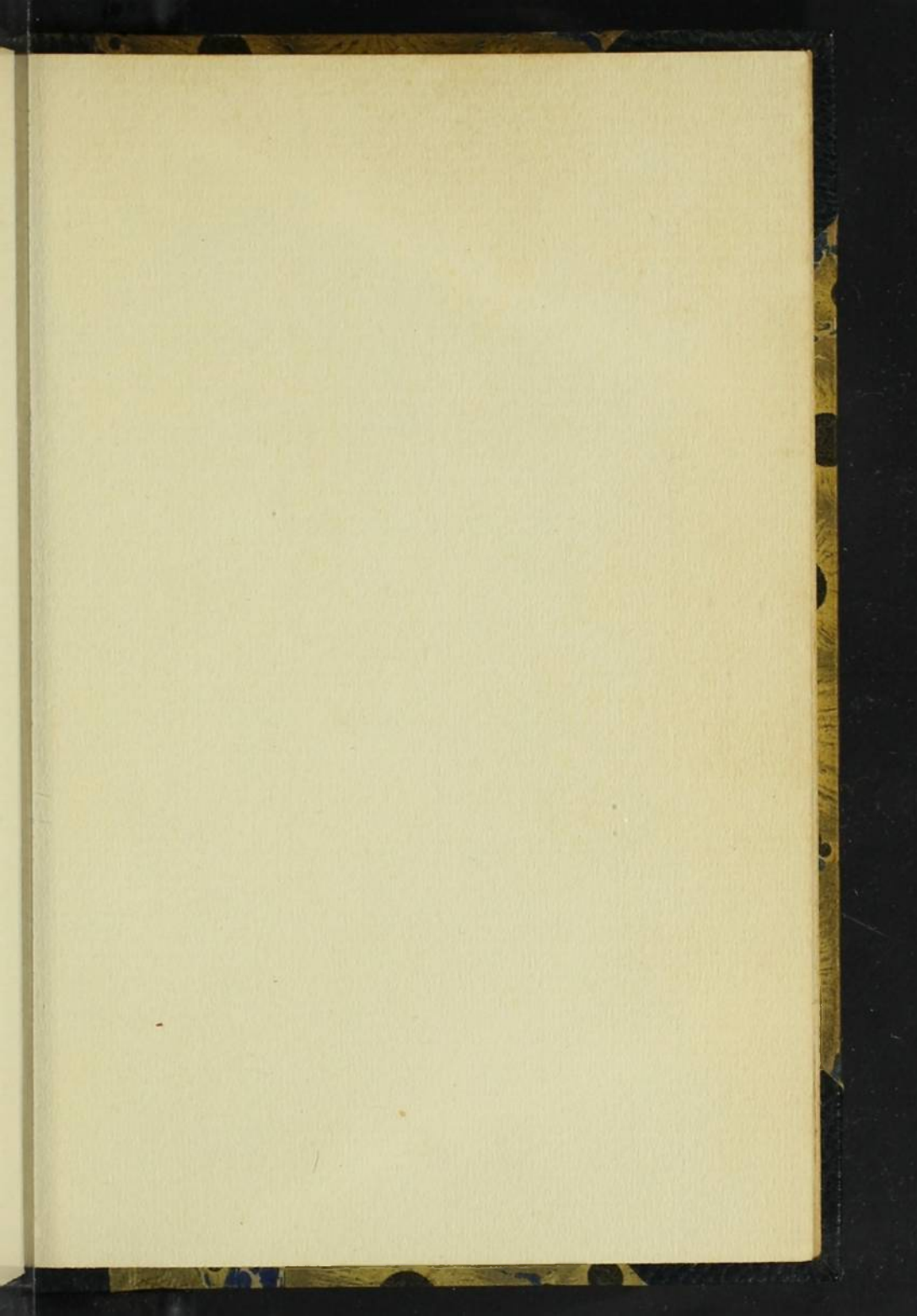
G. GAUCHÉ REL

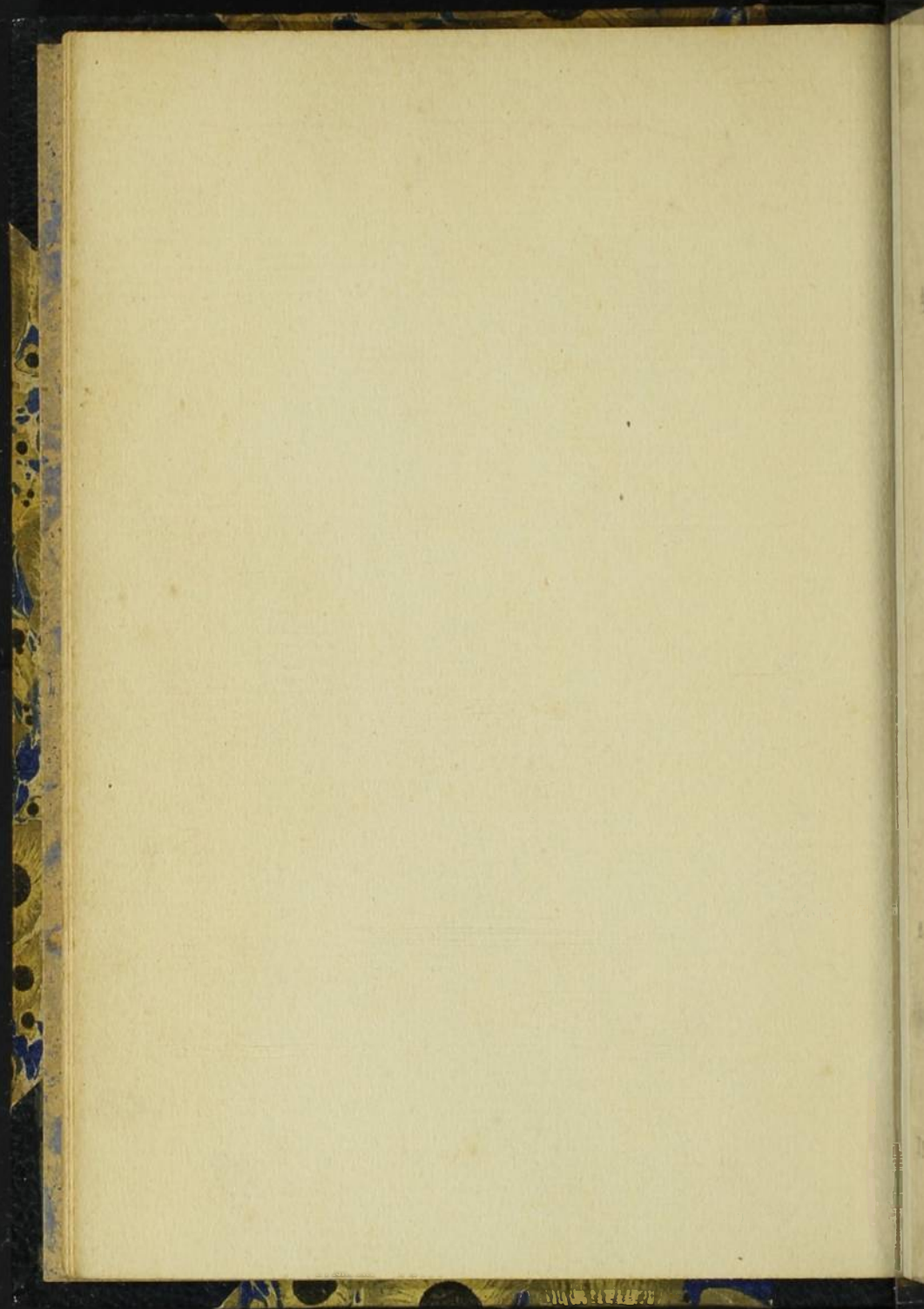












A Camêleida,

OU

A Congregação dos Lentes de Olinda.

Poëma heroi-comico-satyrico:

OBRA POSTHUMA

DO

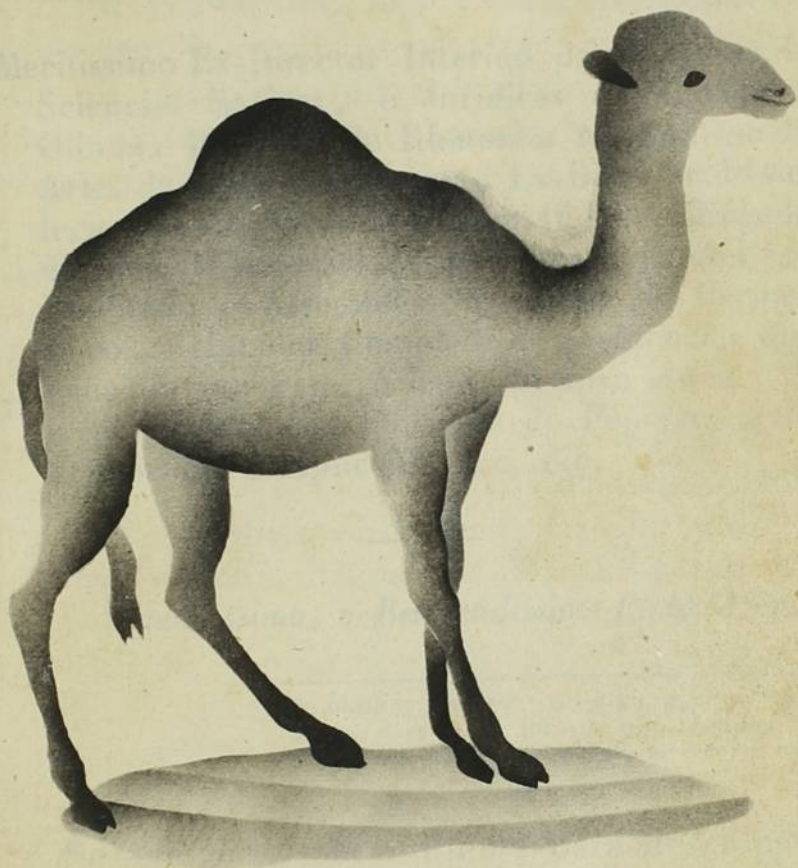
Dalai-Lama do Japão.

S. PAULO.

Typographia Imparcial de Silva e C. Rua Nova de S. José n. 41.
1839.

Que se espalhe, e se cante no universo;
Se tão sublime preço cabe em verso.

CAMOENS.



A minha espéra
Outros la estão
Para se abrir
A Congregação.

A la reina
Unos la
Para se
A la

DEDICATORIA.

*Ao Illustrissimo e Reverendissimo Senhor Padre
Mestre Miguel do Sacramento Lopes Gama ;*

Meritissimo Ex-Director Interino da Academia das
Sciencias Sociaes , e Juridicas da Cidade de
Olinda , Professor de Rhetorica no Collegio das
Artes da mesma Academia , Ex-Director do Col-
legio dos Orphãos da mesma Cidade , Pregador
da Capella Imperial , Cantor do Luiz do Rego ,
Deputado á Assembléa Provincial de Pernam-
buco , Refutador Completo da pestilencial dou-
trina do interesse , Auctor do novo sistema Ma-
terial-Theologico , Redactor do Popular , e Es-
criptor do Carapuceiro. &c. &c.

Illustrissimo , e Reverendissimo Padre Mestre.

A minha gratidão te dá meus versos ,
Meus versos de lisonja não tocados.

Se me não vale o thema para desculpar a
mesquinhez da offerta , o meu reconheci-
mento descança na grandesa d'alma de V. R^{ma}
Separado de V. R^{ma} pela immensa barreira
de longinquos mares , e inaccessiveis monta-
nhas , que medêão entre o pequeno Reino

do Tibet, e o vasto Imperio do Brasil, não podia accreditar que V. R.^{ma} se lembrasse de mim, quando, na sua viagem pela Nova Hollanda, onde (consta-me) tivera a gloriosa ventura de descobrir uns novos bancos de bacalhão, comprehendendo uma nova divisão geographica, houve por bem aumentar os meos dominios, desterrando o Dairi para a contra costa dos alguidares, e fazendo-me Chefe Espiritual do Japão; mas a minha incredulidade cedèu ao peso de um documento do proprio punho de V. R.^{ma}; com effeito assim o ordenava V. R.^{ma} em um dos seus carapuceiros de 1857.

Ora vendo-me penhorado para com V. R.^{ma} por um favor tão extremado, como spontaneo, e sabendo dos seus grandes feitos quando Director Interino dessa Academia de Olinda, não pude vencer comigo entregal-os á posteridade. Metti-me a Poéta, e alinhavei esses pedaços de prosa, á que dei o nome de poëma, só por ter o gosto de dedical-o á V. R.^{ma} Não vai dividido em cantos; porque no Tibet não se observão essas regras: foi feito de um fôlego, e se V. R.^{ma} não lhe descobrir feitio, tenha paciencia, que mais vale a nossa saúde.

Approveito esta occasião para lhe pedir um

exemplar d'aquelle celebre poëma deste mesmo genero intitulado — a Coluneida. Como é obra de V. R.^{ma}, persuado-me que deve corresponder ao alto conceito, que merecem os seus avantajados talentos. Digne-se por tanto V. R.^{ma} acolher benigno este limitado fructo da minha gratidão: e se o debil orgão de minha fraca voz não puder transmittir ás gerações futuras os memoraveis feitos de V. R.^{ma}, e dos seus dignos Collegas, Lentes dessa Academia, rogo-lhe que se não deixe acobardar pela injustiça do presente seculo, que eu de minha parte cheio de enthusiasmo, e de esperança, irei sempre exclamando com o Auctor dos divinos Lusíadas.

Toda suspeita má tirai do peito;
 Nenhum frio temor em vós se imprima:
 Que vosso preço, e obras são de geito
 Para vos ter o mundo em muita estima.

Tenho a honra de ser de V. R.^{ma}

Muito respeitador, e obrigado.

O Dalai-Lâma do Japão.

A Camèleida,

ou

A Congregação dos Lentes de Olinda.

Poëma heroi-comico-satyrico.

Não canto feitos d'armas estrondosos
De cruentos heroes, que o mundo pasmão,
Nem d'um Orlando as aventuras canto
Só do Vate de Reggio merecidas.
Mais sublimado assumpto me desperta
O constrangido estro, e me convida
A provar as agoas da Hippocrene.
E tu, ó Musa, que renome deste
Ao Toscano Aretino, e presidiste
De Boileau aos versos engravados,
Traz-me se quer as brancas tintas,
De que usar não quiz Diniz faceto
Quando d'Elvas o Bispo apregoava.
Neste empenho tão grande me soccorre,
Porque do frio Lethes sepultados
Nas esquecidas agoas se não fiquem
Maravilhosos feitos estupendos
Da burriscal Congregação dos Lentes (1)
B'Academia Juridica d'Olinda;
E a Fama estrugidora por cem tubas
Os divulgue, os proclame n'universo.
Disc-me, ó Musa, porque Nume offense

Foi de Minerva esse Templo augusto
 Em nojosa morada convertido
 D'alvares burros ; porque má estrella
 Da Deusa profanado o sanctuario
 Seus ineptos, stolidos Ministros
 Sobre seo trono Idolos adorão.
 Explica-me os motivos, e as causas,
 Porque essa cabilda Doutorada
 Com tão brutal furor, com tanta raiva
 Contra a Padroeira se rebella.
 E que seja proscripta em fim decide.

Não longe da formosa Mauricéa,
 Por feitos gloriosos conhecida
 Entre as dezoito estrellas, que abrilhantão
 A Brasileira Esfera, está plantada
 Sobre um outeiro a desditosa Olinda.
 Por um lado banhada d'Occéano,
 Já florescente, hoje decahida
 Offerece a mais linda perspectiva
 Ao nauta soffrego, que demanda terra.
 São bellos os contornos da Cidade,
 Tão vistosa *de fora*, quanto é *dentro*
 Feya, *irregular*, e *mal calçada*.
 Conventos derrocados, e vazios,
 Enfermos edificios, destacados
 Em vedettas perdidas, vão formando
 As solitarias ruas tortuozas,
 Por onde passam afanados bandos
 De seus novos Colonos Academicos,

Que para as aulas presto se encaminhãe
 Ao som desse monotonô badálo.
 Pelas verdes ruas não se encontrão
 Moradores da terra transitando;
 Apenas em magotes se devisão
 Conegos obesos cachaçados
 As preguiçosas pernas estendendo.
 Um antigo Mosteiro de São Bento
 Foi ali de improvisô transformado
 Em uma Academia de Direito,
 Pouco mais de dous lustros ha corrido.
 Mais dóe o menos preço, em que foi tida
 A educação da nossa Mocidade.
 Talento, e luses titulos não crão
 Para ser nomeado Professor
 Dessa escola nova ali fundada.
 Ser Padre velho, Conego formado,
 Ter ouvido de Say quatro lições
 Descosidas, e ter um attestado,
 Diser que esteve em Franca, ou em Coimbra,
 Era bastante; tudo mais supria
 Indigna, escandalosa patronage.
 Desta sorte o sandeu, e o pedante
 Na Cadeira de Lente empoleirado,
 Qual se suppunha ser em carne, e osso
 O velho Pegas, Mendes, ou Valasco;
 Qual, não menos tolo, accreditava
 Ser João Baptista Say em corpo, e alma;
 Qual em fim se julgava Pardessus
 Quando á esmo citava as Ordenanças

De Marinha de Franca e de Bilbáo.
 Sendo porem ridiculo diser-se
 Que os Senhores machuchos *Doutoraços*
 Nunca o forão de veras, que lembrança!
 Forão feitos então por um decreto (2),
 E Doutores *legaes* logo surgirão.
 Oh facto estranho, oh caso nunca visto!
 O' da Fabula Deoses vingadores,
 Que dos Filhos da Terra o louco arrojo
 Soubestes castigar, e convertestes
 A presumptuosa Niobe em pedra,
 Vingativa Nemésis, que mudaste
 O formoso Narciso em debil flor,
 Se desses toleirões vingar quisesseis
 A insãna ousadia de ser Lontes,
 Bem dev'rieis com igual justiça
 Em leprosos jumentos tranformal-os.
 Dest'arte a malfadada Academia
 Da récua bestial infausta presa,
 Os seos nascentes, obscuros dias
 Ia tragando desolada, e triste,
 En quanto sua Irmã na Paulicéa,
 Mais feliz na partilha, tinha sido
 Por habeis Professores occupada.
 Agora porem, Musa, tu me dise,
 Penetrando os arcanos do Destino,
 Qual inimigo Genio perseguindo
 Académia d'Olinda desd'oberco,
 Quiz, e conseguiu tornal-a acell'a,
 Perdendo o seo primeiro Director (3),

Prestante cidadão, probo, illustrado,
 Que fez ali serviços relevantes.
 Não me escondas tambem porque motivo,
 Estando esse lugar já preenchido
 Por outra respeitavel personagem (4),
 Devia de passar ás mãos indignas
 D'um desfradado hypócrita impostor,
 Que da vida monástica enjoado,
 Cujos deveres sempre mal comprira,
 O claustro desampara sequioso
 D'entrar no seculo, e de ser fallado.
 Deslembrado vivia o pobre monge,
 Morto p'r' o mundo, lã no seu convento
 De sotána, e correya na cintura;
 Mas das trévas o Génio que insidia
 Até o macerado anacorèta
 Roido de cilícios, s'encasqueta
 No Frade presumido sabichão,
 E que largue o Mosteiro em fim consegue.
 Já muito havia qu'era Professor
 No Seminário Episcopal d'Olinda;
 Mas é difficil contentar pedantes:
 Já lhe fede a Rhetorica surrada
 Do velho Quintiliano, e do Barbosa.
 Mette-se á gazeteiro, cil-o no campo,
 Talhando carapuças, disputando
 A palma da victoria á Tolentino
 Na satyra, no chiste, e na pilheria.
 Entra com desfastio na Politica,
 Espinhosas questões todas decide,

Em todas as Sciencias dá quartada ,
 E um dos sete sabios se reputa.
 Mal se vê nomeado Director
 O nosso fanfarrão *Dònglin-Dònglin* (5),
 Pertende executar logo um projecto
 Que d'ha muito nos testos lhe bailava:
 Da cáfila *Lentática* sondando
 Os animos, á todos communica
 A reforma, que tinha de propôr,
 E que havia leval-o á eternidade.
 Mas um negocio de tão alta monta
 Não podla deixar de decidir-se
 Em pleno Consistorio *Doutoral* :
 Para logo reúne a *Camelada*
 Em occulta sessão extr'ordinaria,
 Sem que o Povo Academico soubesse;
 Pois não devia ser-lhe franqueada
 A formal discussão de tal medida.

Eil-os, que se vêem todos congregados,
 Vão se assentando em torno de uma mèsã,
 Testemunha ocular das parvoices,
 Das nojentas questões ali travadas,
 De suas sempre injustas decisoens.
Dònglin-Dònglin toma a cabeceira,
 Que como Director lhe competia;
 A' direita lhe fica o Secretario,
 Conego velho, estúpido, e sandên (6),
 Não menos avaro, que orgulhoso,
 Cheyo de pueris formalidades

Da rancósa Coimbra; e vai saccando
 Do bolso da casaca bolorenta
 O seo par de cangalhas, que se achavão
 Mettidas no sumonte derramado
 Nessa immunda caverna, onde reside
 O roto, e cujo lenço de tabaco.
 Sahindo do atoleiro mascarradas
 Assim mesmo as encaixa no nariz;
 Sorve a pitada, e os dèdos alimpando
 Na proxima cadeira, vai abrindo
 O livro para as actas destinado.
 Está aberta a sessão: dice, e sentou-se
 Dónglin-Dónglin todo repimpado
 N'uma cadeira larga de espaldar.
 Da Samarra, e batina desquitado
 Logo que os dormitorios do Mosteiro
 Resolúto deixou, nunca trajara
 Negra lila, e chapéo triangular.
 N'um casaco de pregas entonado
 Ali compareceo o *paspalhão*
 De calças alvadias, e rajadas,
 De collète lavrado de velludo,
 Chapeo de copa baixa, e beira larga,
 Crepitantes cadeyas do relógio:
 Ao longo da pança penduradas;
 Uma volta vermelha debruada
 D'uma renda anilada lhe cingia
 Todo o nédio pescôço, e sustentava
 A calhida papada, que pendia
 Em linha vertical sobre o bnadulho;

As encarnadas meyas contrastavão
 Com fivélas de prata nos capatos (7).
 Ridicula mistura de casquilho,
 E de velho jarrêta se observa
 No trajar do farsante Director
 Que a congregação secreta presidia.
 Inda não tinha findo o Secretario
 O têrmo competente d'abertura,
 Quando s'erguendo vai Dônglin-Dônglin
 Da poltrona em que estava recostado,
 E sacudindo a trêmula cabeça
 N'um pomposo discurso assim prorompe:
 Com que prasèr, Senhores, reunida
 A sabia Congregação eu vêjo agora!
 E que de confiança não m'inspira
 O alto assumpto, que deve d'occupar-nos
 Nesta sessão que tem de decidir
 Os futuros destinos meos, e vossos,
 E da Gente Academica d'Olinda!
 Não venho aqui, Senhores, surpr'endêr
 Vossa sabedoria, e madurêza:
 Importante medida vou propor-vos;
 Mas sua magnitude, e transcendencia
 Não quer d'afogadilho ser tractada.
 Temos por nosso o tempo, ventilêmos
 Com toda profundêza, e sangüesrio
 Questão d'alto calibre, e d'alta monta.
 Entro no caso: tende paciencia
 Que serei breve. Nisto o Secretario
 Atalha o Orador para pedir-lhe

A faca de marfim, e os gnardanápos
 Vindos da Bibliothéca do Japão (8),
 Que disse tudo agora precisava
 Para expediente da Secretaria,
 Cujos utensis sempre zelàra (9).
 Não me interrompa, diz-lhe o Padre Mestre
 Do pedido indiscreto azeúmado;
 Em outra occasião mais opportuna
 Lembre-se de fallar em maravalhas.
 No pedido, e resposta a *Camelada*,
 Não sei que sal descobre, se desata
 Em muitas, repetidas gargalhadas.
 A' ordem, meus Senhores, isto é serio,
 Prosegue Dònglin trêmulo, enfiado:
 Vós não podeis ignorar, Senhores,
 As boas disposições, os bons dèsejos,
 Que nutre este peito consagrado
 A' prol desta nossa Academia.
 Observo porem, com magoa o digo,
 Um facto que apoyado na memoria
 De tantos sec'los, foi-nos transmittido,
 Triste legado dos antigos tempos!
 Este facto parece oppor barreira
 As boas innovações, ao raciocinio.
 Não sei descortinar, eu o confesso,
 Que fundamento houve, e que motivo
 Para ser esta nova Academia
 Desde o seo berço logo dedicada
 A' essa Deusa ulãna de ser filha
 Do Pai dos Deoses vãos do Gentilismo.

Nem tudo quanto vemos praticar-se
 Na velha Europa, na gabada Grecia
 Deve ser no Brasil arremedado.
 Se á Minerva se quer render um culto,
 Esse não deve ser nos extorquido;
 N'esta matéria quero tolerancia.
 Humano coração cultos não rende,
 Holocaústos não faz á Divindades,
 Que o interno santir foge, repelle.
 Outras muitas, que sejam homogeneas
 A' nossas inclinações, que á nossos gostos
 Favoraveis se mostrem, nunca infensas,
 Sejam nossas perpetuas defensoras;
 E sobre as sacrílegas ruinas
 Desse alcáçar infame, e vergonhoso
 D'uma Deusa inimiga profanado,
 Sejam seus novos tronos erigidos,
 E de nossos respeitos circundados.
 Que profundo pesar, que dor, que sinto,
 Quando vejo esta nossa Mocidade
 Adorações sinceras, fervorosas
 A' um Idolo render, que mal conhece,
 Que chama protector só por costume!
 Um dia saberão, quiçá não tarde,
 Esses illudidos Academicos
 Que o Nume insenso, qu'hoje tanto acatão
 Mais por imitação, que por instincto,
 Seos destinos não vela, não protege
 Os mesmos, que fêis o idolatrão.
 Eia pois, Senhores, mãos á obra,

Não descoroçoar convem agora.
 Seja dèste ja entronisada
 Em lugar dessa Deusa a Hypocrisia :
 Severas Divindades não queremos
 Que o arbitrio nos coarctem deshumanas.
 Homenagens receba, e nossos cultos
 Sacra Immoralidade franca, e livre.
 Não menos adorada em nossos peitos
 Seja n'um sólio d'onro collocada
 Facil Pedantaria, sempre grata
 Aos que adhesão sincera lhe tributão.
 Nem isto vos pareça extravagante
 Devand'yo de rude phantasia :
 São estas Divindades de meo peito,
 Que , dèste a primavéra de meos dias ,
 Tão fiél adorei, como hoje adoro.
 Ingenua confissão do intimo d'alma
 Perante as vossas tendes expandida.
 Mão grado meo a vida Monacal
 Constrangido abracei, todas as regras
 Desse penoso estado posterguei,
 Um refinado Hypocrita fui sempre,
 Até que alfim cheguei á vèr-me livre
 Dessa vida claustral, que me pesava.
 Mas nem por isso hoje secular
 Deixo de render culto á Hypocresia.
 Escuso é allegar altos serviços,
 Que á Immoralidade prestei sempre :
 Inda hoje venero os seus dictames.
 Bem me conhece todo Pernambuco,

Nunca fiz caso dessa imaginaria,
 Quimerica Moral deificada.
 Se o Pòço da Panélla, e Casa-forte,
 Se a Ponte-d'Uxòda, e Caldereiro,
 E outros arrabáldes do Recife (10)
 Meos altos feitos attestar quizessem,
 Mais eloquentes, e persuasivas
 Do que a minha suas voses fôrão.
 Que direi agora da Pedantaria,
 Dessa, que tanto amo, Densa Augusta?
 Eu, que sempre busquei iniciar-me
 Nos seos misterios, e nelles distinguir-me?
 Fallem por mim meos feitos tão sabidos,
 Que o titulo honorifico me derão
 Do maior charlatão, do mór pedante.
 Quem foi esse, que sendo Deputado,
 N'Assemblya propoz desta Provincia,
 Que se mandassem logo vir da França
 Pòços Artesianos? quem foi esse
 Que teve a dita, e gloria de encontrar
 Bancos de bacalhão na Nova Hollanda (11)?
 Quem foi que em derrota poz completa
 O *façanhoso* Bentham, Diderot
Enurgámeno, *infamissimo* D'Holbac (12),
 E zurzindo toda sucia philosophante
 Sò com a vergalhada dos apòdos,
 Chalacas capadoces, pedantescas,
 Um novo philosófico sistema
Material-Theologico fundou (13)?
 Se a modestia não fora, que me obriga

A' ser mais reservado, bem podera
 Mostrar-vos que ninguem melhor tem feito
 O papel de pedante neste mundo.
 Esta é pois, Senhores, a reforma,
 De que mais urge a nossa Academia:
 Folgo de ter a honra de estreala.
 Firme opoyo encontrar em vos espero;
 E desdouro recáia sobre aquelle,
 Que arrastado de falso pirrhonismo,
 Ou de uma intollerancia mal assente,
 Em balde impugnar uma medida
 Que sempre bem dirão nossos vindouros.
 Dice: e nos braços arrimado
 Da commoda poltrona, vai buscando
 Um grato pòuso aquella *humanidade*.

Pede venia o Sandeu, todo infunado
 Nessas ideyas de supremazia
 Por ser Lente mais velho, e Secretario;
 Porem Manébijeto vai saltando
 Pela proa ao Sandeu, pede a palavra,
 E sem mais esperar que lhá concedão,
 De repente se ergue, vai dizendo:
A minha popiadtade, os meos direito
Eu reccamo, Senhores, nem supporto
V'è-me sem pecisão delle esbuiado.
 A minha nomeação é mais antiga,
 Embora *Senhò Doutò* seja mais *veio*.
 Alem disto sustento a todo custo
 Outas *perogalira*, que inda tenho:

Eu sou , meos Senhores , Deputado ,
 E como *tá* , sou *franco* , e decidido ;
 Não cedo da palavra , pois me cabe
Fallá logo depois do *Directo*.
 E se *arguem* fisé projecto de *insurtáme*
 Então bem *buia* com Manébijéto.
 Neste conflicto Dònglin decide
 Ter a preferencia da palavra
 O Doutor mais antigo , e Deputado.
 Da decisão se appraz Manébijéto ,
 Continúa a fallar ; mas o Sandèu
 Rosnando diz á parte , nunca vira
 Um tal costume na Universidade (14).
 Ou porque as orèlhas arranhasse
 Ao celebre Orador o dito insulso ,
 Ou porque visse toda *Camèlada*
 Bir-se do proemio do discurso ,
 Mais que muito enfiado sobre a mèsã
 Um formidavel murro descarrega.
 Eu não posso , nem quero mais *fallá*
 Nesta Congregação , assim prosegue ,
 Eu sempre fui na Camara attendido
 Dos Deputados *todo* , nunca *insurto*
 Sofri de nenhum delles. Tenho dito ,
 Não quero mais *fallá* nesta questão.
 Tudo quanto aqui se *decidi*
 Como Deputado *franco* subscrevo (15).
 Dice : e logo de chòfre na cadeira
 Com as nádegas dá medonho , e irado.
 Morno silencio por um pouco adèja

Em torno dos Camêlos congregados;
 E mal se apercebia um surdo riso,
 Que d'um, ou d'outro tímido escapava.

Ao Sandeu competia a sua vez;
 Eil-o que se prepara, e se levanta,
 E começa a fallar desta maneira:
 Nunca aprovei, Senhores, novidades;
 E nem quisera nesta Academia
 O funesto sistema ver plantado
 Dessa tão gabada tolerancia,
 Que ha de dar com nosco inda em pantàna.
 Oh tempos, oh costumes de Coimbra!
 Onde nunca poderão ter cabida
 Essas *intrigas* de Constituição (16),
 Que do culto permite a liberdade.
 E' d'ahi que vem o arremêdo
 Destas extravegantes Divindades,
 Que o nosso Padre Mestre Director
 Teve a feliz lembrança d'impingir-nos.
 E' verdade tãobem que sempre imiga
 Me foi essa Minerva tão fallada;
 Mas se alguma reforma se tolera,
 Exemplo temos na Universidade,
 Na sua gloriôsa idade d'ouro,
 Em que reinou a santa Estupidez,
 Essa Deusa amiga dos humanos,
 Que delles não exige sacrificios,
 E que d'um ocio commodo se apraz;
 Neste sentido sim haja reforma,

Não posso a essa Deusa ser ingrato.
 Quem mais do qu'eu os foros seos defende?
 Não quero repetir o que é sabido,
 E' tão grande o praser com que a sirvo,
 Que unanimes todos me appellidão
BASE FUNDAMENTAL DA ESTUPIDEZ.
 Qual d'entre vós se attreve a desputar-me
 O merecido titulo de estúpido,
 Que por notorios feitos hei ganhado?
 Não sou do Brasil só conhecido,
 Na saudosa Coimbra deixei fama.
 Inda hoje será apreciada
 Uma dissertação sobre as Sardinhas,
 Obra tão primorosa, e celebrada,
 Que até Doutor Sardinha me chamarão (17).
 Quem, á não ser estúpido, ou Sandên,
 Tendo sempre explicado da Cadeira
 Desde a creação da Academia
 O nosso Patriarcha Mello Freire
 Por uns cadernos vindos de Coimbra,
 Cobertos de bolôr, velhos, e çujos,
 De cór a muito tempo os não soubera?
 Pois ainda os não sei, e mal soletro
 O pessimo character manuscripto
 Desse meo peculio precioso.
 Não, outra Divindade não consinto
 Ser nesta Academia entronisada;
 E mais solèmne seja o seo triumpho,
 Do que *algum dia* na Universidade,
 A' quem cego respeito inda tributo.

Este o voto meo, e nem me abalão
 Argumentos, rasões: tudo é quiméra
 Para um velho Doutor cá do meo porte.
 Estas ultimas vozes proferindo
 O Sandèu, apenas se assentara,
 Já toda *Camêlada* em alvoroto
 Os assentos deixando amotinada,
 Em cardume se ajunta em torno delle
 Os ouvidos da bèsta atordoando
 Com gritos de applausos estrondosos;
 E de tal sorte os ares atroavão,
 Que cahir o Mosteiro parecia.
 D'algasarra se ajuda *Rufa-cuias*.
 Por detraz do Sandèu pondo-se á geito,
 Tremenda cacholèta lhe desprega,
 E sobre a mèsa as ventas lh'esborracha,
 Quebrando-lhe as cangalhas no nariz.
 Do fracasso imprevisto o nosso Dònglin
 Todo assustado, trêmulo, gritava,
 Ordem, ordem, que é isto, que succede
 Ao nosso respeitavel Secretario?
 Este lugar improprio me parece
 Para galhofear. Continuemos
 A' nossa discussão de sangue frio.
 Entretanto o Sandèu enraivecido
 A hora maldisia, em que viera
 Com gente tão malvada congregar-se;
 E o resto da Sessão não assistira,
 Se aos rogos de todos não cedera.

Nisto pede a palayra *Rufa-cuias* (18),
 Desta sorte começa *exabrupto*.
 Que desastre, que insulto desabrido
 Acaba de soffrer nosso Doutor?
 Que sacrilego alçou mão violenta
 Contra aquella cabeça veneranda,
 Aonde mora, e reina a Estupidez?
 De mim confesso, tal atrevimenta
 Não podia caber nas minhas forças.
 Mas elle se consola: eu já deviso
 Sobre o semblante seo manifestar-se
 Generoso perdão ao insolente.
 Somos todos collégas; a discordia
 Não deve desunir tão bons patuscos,
Inter quos non datur geringonça.
 Na questão entrarei; mas desde logo
 A todos peço sejam tolerantes.
 Essa Deusa, que o nosso Secretario
 Tão fielmente adora, e não ha muito,
 Tantos esforços fez por convencer-nos
 De sua supremacia sobre todas,
 Quantas são adoradas, Divindades,
 Não é cá do meo peito, não, não posso
 Ante um Nume curvar-me, que aborrêçø.
 Monstruoso projecto offerecido
 Por nosso Padre Mestre Director
 Inda tenho gravado na memoria.
 Como, embusteiro Nume, a Hypocresia
 Propicia velará sobre os destinos
 Desta nascente pobre Academia?

Como assim um culto profanar,
 Quando os *bellos espiritos* do seculo
 Hoje o tributão gratos, generosos,
 A' Deusa Pedantaria bemfazeja
 A' todos que não quebrã scos preceitos?
 Onde o decidido entusiasmo
 Pela Immoralidade sempre avessa
 A' esses rabugentos impostores
 Das miseraveis eras atrasadas,
 Que as trevas buscão, que sentir não podem
 A luz que os fere da presente idade?
 Não admitto pois o contra senso
 De confundidos vèr cultos oppostos.
 Homenagens não presto, não, não quero
 A infame, á malvada Hypocresia.
 Estou prompto á votar mui livremente
 Pela Immoralidade, que idolatro,
 Nem tão pouco recuso o meo apoio
 A' santa Pedantaria que venero.
 Até pasma, que o nosso Director,
 Que fumos nutre de Archi-sabichão
 Tão pequenina ideya concebesse,
 Que o seo alto conceito desabona.
 Mas que muito, se o nosso Padre Mestre
 Com mais geito a viola zangarrèa,
 Do que emprega as armas da rasão!
 Não o quero offender, elle o bem sabe,
 Bem longe estou de crer que uma verdade
 Mal soante parèça, quando asados
 Estão nossos ouvidos á sentila.

Ainda proseguira Rufa-cuias,
 Se o não interrompera de repente
 O celebre Repuxo, seo collega (19),
 Que soffrego estava a muito por fallar.
 Já se ergue, já funga, e pinotêa,
 Tremenda esfregação as ventas gramão,
 Trejeitos mil fazendo, e mogigangas,
 Mais bugio, do que homem parecia.
 Lançando-se á questão, assim começa:
Se por acaso, Senhores, eu não vira
 O nosso Secretario succumbido,
 Defendendo uma causa, em que a rasão,
 E justiça se achão de seo lado;
Se por acaso, Senhores, não devêra
 Com elle partilhar o desacato,
 Que sua idade acaba de soffrer;
Se por acaso o merito, avalia
 Da Deusa Estupidez aqui não forão
 Cruelmente feridos, insultados;
 Não pedira a palavra, nem quisêra
 Entrar em discussão tão calorosa.
 A minha opinião despida e nua
 Exporei, pois não quero fatigar-vos.
 A Deusa Estupidez é só quem pode
 Ser desta Academia Padroeira.
 Sabeis por experiencia quão penosas
 São as altas funcções do Magisterio,
 Que estudos demandão, que talentos
 Devem de adornar um Professor,
 Porque seja de todos respeitado.

Ora se por acaso a Estupidez,
 Como propicio Nume, tutellar
 Nossas adorações não receber,
 Ai de todos nós! que os Estudantes
 Amigos de Minerva, que os ampara,
 Pelas ruas porão das amarguras
 Nosso falso conceito litterario.
 Mas se por acaso protegida (20)
 For d'ora em vante a nossa Academia
 Por essa amiga Deusa Estupidez,
 No ocio repousando os Academicos,
 Do Nume protector as leis suaves
 Saberão respeitar, serão felises.
 E' este o voto meo, de que não mudo.
 Não mais um culto só, um só respeito
 Ao idolo odioso, que venéra
 Esse povo Academico inexperto.
 Mao grado seo por toda eternidade
 A santa Estupidez reine, triunfe.

Desta sorte pòe termo ao seo discurso,
 Que deixára o Sandên embasbarado,
 Por ver com que destrèza, e habilidade
 Fôra pelo Repuxo defendido.
 Pedec venia entretanto Bruto Inglez (21),
 Que ali estava rezando as marianas,
 Mas que á tudo que ouvira dèra tento.
 Ja se mordia, ha muito, de zangado
 Por ouvir taes blasfêmias, heresias,
 E como se d'um êstasi sahira,

Mui pausado começa , e reflectido :

Com que pesar , Senhores , com que pasmo
 Proferidas ouvi nesta Sessão
 Opiniões , que offendem despeitosas
 Os solidos principios da Moral ,
 Que deve em todo tempo respeitar-se.
 Como pois se pretende dar guarida
 A um Idolo infame , que só pode
 Em corações corruptos ter entrada?
 Ah santa Inquisição ! se taes horrores
 Ainda castigar hoje podesses ,
 Impune ficaria a voz sacrilega
 Que ousada serio santos preceitos
 D'uma austêra Moral , inda mais santa?
 Não posso apadrinhar taes desatinos ,
 Até creio peccar , se nelles fallo.
 Se bem que não desprese , antes adore
 A Densa Estupidez , mais desejara
 Puros votos prestar solemnemente
 A' santa sempre grata Hypocrisia.
 Quem tão cego haverá , que desconheça
 Os favores , que presta aos seos validos
 Uma tão poderosa Divindade ,
 Que d'um perverso faz um santarrão?
 Ao menos , eu confesso , se a fortuna
 Nunca me dèo de rosto , se alcançado
 Todos os meos desejos tenho sempre
 De tudo me é credora a Hypocresia.
 Esta é pois a Deusa bondadosa ,

Que deve de reger nossos destinos.
 Tudo mais é *quiméra*, é *trâma urdido*
 Contra nossa boçal sinceridade.
 O Doutor Inglez aqui faz ponto;
 Em sagrado furor todo abrasado
 Não pode mais seguir, vai se assentando.

Ja Doutorada sucia muda, e quèda,
 O silencio rompendo em debandáda,
 A' gritos repetidos, vótos, vótos
 Pedia ao capataz Dònglin-Dònglin.
 Devia ser ouvido inda o Gorducho (22),
 Que de serio que estava, e empanturrado,
 Sua alta dignidade rebaixára,
 Em discussão entrando tão mesquinha.
 Humildemente Dònglin pergunta
 Ao Gorducho, se um ar de sua graça
 N'aquella occasião dar se não digna.
 Responde-lhe o Doutor mui circunspecto,
 Que seo voto daria livremente;
 Mas que em debates não, não s'envolia,
 Que delles ja se achava *sastifeito*.

O momento fatal era chegado,
 Que devia enlutar, ennegrecer
 A aurora nascente de esperanças,
 Com as trevas do opprobrio, e da vergonha.
 Ah pobre Academia! cruéis Fâdos
 Em torno a ti revôão, te perseguem,
 Para longe de ti sempre arredando

Glorioso porvir, que te esperava.
 O verdor de teos dias vai murchar-se,
 Como em frêscó botão morre esmagada
 Por dura mão do ferro a flor mimosa.
 Teos pseudo — Ministros, teos algoses
 Teo Nume tutellar proscrevem, lavrão
 De tua morte a barbara sentença.
 Correndo a votação, ja se decide
 Seja d'ali Minerva desterrada,
 Até se determina que seo nome
 Para sempre esquecido nem se falle.
 Quatro inimigos Genios reconhece
 A ferina brutal Congregação
 Ordenando que sejam adorados
 Em lugar dessa Deusa ja proscripta
 Torpe Immoralidade, e Pedantismo,
 A rude Estupidez, Hypocresia.

Achava-se o Sandên atrapalhado
 Com a redação da acta, que devião
 Os Lentes assignar, e o Director,
 Dizendo á cada passo — *isto faz obra* (23).
 Não escrevo o que diz Doutor Gurducho.
 Nisto se gastão horas esquecidas,
 Até que á muito custo se resolve
 A escrever o Sandên tudo que ouvira.
 Dêse logo se marca, e se combina
 Um dia festivál para intimar-se,
 Em plena Academia reúnida,
 Esse nefando firman vergonhoso.

Da gente burricál, que impera, e manda.
 Levantada a Sessão a *Camêlada*
 Contento vai sabindo, e se dispersa.

Fixado o Edital na porta grande
 Da sála para os actos destinada,
 Apenas a noticia se divulga,
 Alarma assustador por toda Olinda
 Súbito se dorrâma; já vagueão
 Enxâmes de Academicos, já correm
 Por essas êrmas ruas pressurosos
 A' ler o Edital, que os inquiêta.
 Com tristonhos semblantes, cabisbaixos
 Para suas moradas se recolhem,
 O futuro temendo, que os aguarda.
 Assim, tristes passavão noite, e dia,
 Nas nocturnas palestras lamentando
 O destêrro fatal da Padroeira,
 A nova introduccão de infensos Numes.

Do roseo lèito apenas se levanta
 A filha de Titam risonha, e bella,
 E com os dèdos dourados vai abrindo
 As portas do Oriente, annunciando
 Assomar a carrôça fulgurante
 De Phébo creador, que sobre a terra
 Derramar vem de novo a claridade;
 Já do Mosteiro o grande sino brada,
 Grêbros repiques pelos ares trôão,
 E festivas girândolas alternão

Com a voz do alto bronze o estampido.
 Das bélicas trombètas o clangor,
 Que os filhos reunia de Mavorte,
 Echo repete, os animos assusta
 Do povo habitador, que mal sabia
 Ter o solemne dia ja raiado
 Para acclamada ser, e applaudida
 A secreta Academica referma.
 Não debalde temia o Director
 Frustrado vèr o barbaro destèrro,
 Que em negra espelunca a mão do crime
 Tinha a sabia Minerva decretado.
 Sim, que para o frustrar, inda restavão
 A' essa Mai proscripta, atraçoada,
 Academicos Filhos, não bastardos,
 Do horrendo attentado não culposos.
 Mas ao poder das armas tudo cede:
 Já Dônglin matreiro as ordens suas
 Tinha posto uma força militar,
 Pelo *Perú de roda* commandada (24)
 Para prender, matar, faser estragos
 Se ousasse gemer a *rebeldia* (25).
 Official *reformado* em Coronel
 Era esse Roldão Espada-preta,
 Pelos seos altos feitos conhecido
 No Reino da Sandice, e da impostura,
 Quadragessimò nono descendente
 D'El-Rei D. Diniz de Portugal.
 Outrora nomeado Secretario
 Da grande legacia do Perú,

Foi depois governar o Rio Negro,
 A manteiga inventou da tartaruga,
 Na misera Belém fez truques altos.
 De plumas, fardalhão, e durindana
 A força commandando, vai postar-se
 No adro do Mosteiro de São Bento.
 De topéte empinado ali bufando
 Cortejava o Britanico Roldão
 Os Lentes que passavão mui lampêiros,
 Do solemne festejo desejosos.
 Academico Povo reunido
 Em grupos se cruzando nos geracs
 Odioso festim triste esperava.
 Guarnecião as portas sentinellas,
 Que gritavão alerta á cada passo.
 Pela primeira vez o Sanctuario
 Da mansa, amiga Deusa da Sciencia
 O brado atterrador ouvio da guerra.
 Nisto ao longe despona o Director,
 Dá-se pressa o Roldão em recebêl-o,
 Manda que as armas logo se apresentem,
 Sinal d'obediencia, e de respêito.
 Já se abre o salão, cujas paredes
 De damascos, e flores se vestião;
 Coberto de alcatifá o pavimento
 Juncavão verdes palmas triumphaes.
 Os altos Doutoraes erão forrados
 De macios veludos escarlatas,
 De aurea bordadura matisados.
 Eminente cadêira magestosa,

Trajando rica téla bem mostrava
 Ser para o Director só destinada.
 Eil-o que vem entrando precedido
 Dos tristes Estudantes, e Doutores ;
 Vai tomando o lugar, que lhe compete,
 Os outros vão seguindo o seo exemplo.

Ja em mudo silencio o auditorio
 Attento pende dos facundos labios
 Do Padre Director que assim coméça:
 Academica Illuste Mocidade,
 A quem de derigir me coube a honra;
 Longe de vós o susto, e a soprèza!
 Salutar decisão venho intimar-vos
 Dos disvelos o fructo primoroso
 Dessa Congregação, de quem sou orgão,
 E a quem respeitar muito devemos.
 Dos males, que vos pesão, condoída,
 Quer dar-vos o remedio, soccorrer-vos.
 Aos vossos destinos presidir
 Não ha de mais ingrato, infesto Nume.
 Prescripta para sempre foi Minerva;
 De eterna execração seo nome seja
 Esquecido por vós nestes recintos.
 Propicias Divindades protectoras
 Os fados vossos vão reger futuros.
 A molle Estepidez, a Hypocresia,
 Que seus adeptos grata favonèa,
 Santa Immoralidade, que despreza
 Da satira mordaz golpe ferino.

Outra Densa não menos bemfasèja,
 Meiga Pedantaria, facil, branda.
 Eis o que dicidirão congregados
 Soberanos Doutores, vossos Lentes.
 Altos juisos seos . . . assim ordenão :
 Respeito, obediencia só vos cumpre. . . .
 Estas voses tão duras, tão severas,
 Que Academicos peitos magoarão,
 Por duas veses forão repetidas,
 Forão por vezes duas escutadas.
 Acabado o discurso se levanta
 A turba Doutorada, quando a tropa
 Em marcial bolço se aprestava
 Para as honras fazer da ovação.
 Em duas grandes filas se postára ;
 Em cortejo passavão pelo mèio
 O grande Director, e mais os Lentes.
 Dest'arte conseguio pleno triumpho
 O sceptro da Sandice, e Iniquidade.
 Porem Jove Suprèmo, que o destèrro
 Affrontòso da Filha sabe apenas.
 Querendo castigar tão grande insulto,
 Ordena á Fama, que veloz correndo
 A' Còrte, patentèe fatal successo.
 Informado o Governo do desastre,
 Que acaba de sollrer a Academia,
 Sabendo que o inhabil Director
 Do horroròso crime fòra o chefe,
 Dimitte o do lugar, outro nomèa (26).
 Não deverão porem ficar isentas

Da justa punição as outras bêtes.
Um dia inda virá, se bem que tarde,
Em que a vil impostura, e a ignorancia
Irão ao vilipendio, irão ao nada.



FIM.

NOTAS.

(1) Todo mundo bem sabe que está mui devida, e honrosamente exceptuado o Ilm. Sr. Dr. Autran.

(2) Quem negará que se agarravão á laço Lentes, que devião fundar a Academia de Olinda? quem fez Doutor o P.^e Antonio José Coelho, que estando á pique de ser reprovado no 5.^o anno em Coimbra, nem ao menos fôra Bacharel *simpliciter*, se não encontrasse a caridade do Dr. José Joaquim da Cruz, que assistindo á votação, pedio aos seus collegas examinadores *que não enxotassem os Padres do Brasil, e deixassem passar a besta, por ser o unico, que ali se achava então.* Em que Academia do mundo foi Doutor *Manèbijêto*, por outra Manoel Maria do Amaral? Quem doutorou Fillipe Jansen de Castro e Albuquerque? Não ha muitos annos que tomárão elles o gráu de Doutores em Olinda, ja depois de Lentes.

(3) O Ilm. Sr. Doutor Lourenço José Ribeiro.

(4) O Ilm. e R.^{mo} Sr. Doutor Manoel Ignacio de Carvalho.

(5) Esta palavra tem dente de coelho; quem quizer saber o que ella significa, lêia o Argos Olindense n.^o 17 in fine.

(6) Este é o célebre Antonio José Coelho.

(7) Este contraste não é extravagante, porque o R.^{do} é Pregador da Capella Imperial, e d'ahi é que lhe vem a Senhoria *de jure*.

(8) Quis potest capere, capiat.

(9) É a prova do *seo* zelo é, que tendo perdido um chapéo de sol, dice muito zangado nos geraes — ora esta não está má; andão tirando os utensilios da Secretaria!

(10) Estes lugares são os vivos theatros das folias, e patuscadas escandalosas, em que passava a festa o Moralista, inda quando sujeito ás leis do Patriarcha!! Desminta, P.^o M.^o, a tado Pernambuco.

(11) Os póços Artesianos não foi elle quem queroo na Assembleia Provincial de Pernambuco, que se mandassem vir da França: isto é pèta, e elle mesmo ja o negou; e de mais como poderião vir esses póços da Europa? só por artes de Berliks, e Berloks. Mas o peor é que pilhárão o projecto escripto por sua propria letra, e foi lido por muita gente boa; porem elle está disposto a não dar mais *cavaco*, assim como nunca deu pelos bancos de bacalháo da Nova Hollanda.

(12) Com estas armas é que elle costuma combater, e refutar esses pedacos d'asnos philosophos sensualistas, como Bentham, D'Holbac, Diderot, e toda essa corja de toicirões!! que tolerancia, e humildade Evangelica!.,.

(13) Este é o engenhoso sistema por elle propalado nos Carapuceiros, e em alguns numeros do Diario de Pernambuco de 1858, sistema delicado, que concilia o antigo credo philosophico do *seo* auctor com a nova converção para a Theologia Exegética, e Dogmatica.

(14) La para o Dr. Universidade é sinónimo de

Coimbra; quando esse Camêlo quer censurar algum facto, a mais forte rasão é *que na Universidade nunca tal se praticou.*

(15) Não se admire o leitor de ouvir fallar desta sorte um Lente, e Deputado *franco*, como Mané-bijêto; porque depois que veio da Europa, e aprendeo Economia Politica com João Baptista Say, de quem (diz elle) tem a gloria de ser discipulo, e a honra de ser amigo, perdeu a lingua patria, e hoje é uma lástima, falla um dialecto misto Angio-franco-luso, tão estranbótico, que muito se parece com a lingoagem de um Africano boçal de Congo, ou Moçambique. Disem as más linguas que isso é de proposito, porem é pèta; porque este nome de Manébijêto derão-lhe na Camara dos Deputados; e como esta é a sua propria falla, não se deve contrafasel-a.

(16) Assim chama elle as questões de Direito Publico Constitucionál.

(17) Essa famosa dissertação foi por elle feita no primeiro anno de Historia Natural, em que foi reprovado. Com 5 rs. de sardinhas jantava uma familia em Portugal n'aquelle tempo, e pelo novo processo de pescaria por elle inventado, vinha á custar 15 rs. cada sardinha. Ah Coelho immortal!!!

(18) Este é o Baptistinha. Derão-lhe este nome porque ja rapasinho andava pelas ruas tocando tabaque n'uma cuia.

(19) Repuxo se chamava o pai do Padre Cha-

gas; mas este nome não pode assentar no Reverendo; porque *se por acaso* elle fosse seo filho, não lhe teria dado com um cacete, e tanto que para poder tomar ordens, sua honrada Mãe negou em Juizo tal paternidade; mas em contrario dizem que, ha poucos annos, querellara de seo irmão em vespas de ordenar-se, por um cordão do ouro. Quidvero? são cousas em que não me metto.

(20) E' talvez a unica palavra, que não decora das postillas alheyas; porque ja houve quem o ouvisse na Cadeira repetir 14 veses n'um quarto de hora o seo favorito *se por acaso*.

(21) Isto ha de ser engano; porque o Dr. chama-se Nuno Aie de Alvellos Aines de Brito Inglez.

(22) O Illm., e Repolluido Sr. Dr. João Capistrano Bandeira de Mello, que ja sendo Lente, só foi homem *publico*, quando foi eleito Deputado. *Non ragioniam ditor, ma guarda e passo*.

(23) E' assim que o Sandeu examina a tudo quanto a seus olhos invalve alguma responsabilidade contra elle, ou a Soberana Congregação de maneira que sendo as congregações secretas nem ao menos se podem tirar as certidões dos actas; porque *fazem obra*.

(24) Este é o pai do filho Doutor: o *cunnet reformado* José de Brito Inglez, que depois de ter feito altas proezas na arte da guerra no Par, não podendo á final defender aquella praça contra as terriveis baionetas *amarellas*, retirouse hom-

Tenho para mim que a grav.
do camelo é feita por Hercules
Florence segundo o processo
que inventou.

